

## A ORAÇÃO DO SENHOR (Mt 6.9-13)

### Capítulo 4 – Que estás no céu

Durante a década de 1960, Estados Unidos e União Soviética disputavam entre si a superioridade tecnológica na chamada “corrida espacial”. Mas os soviéticos arrancaram na frente, ao enviar o primeiro homem ao espaço: Yuri Gagarin, que ficou em órbita por quase duas horas na nave Vostok 1. Ficou famosa a declaração provocativa do então chefe de Estado soviético, Nikita Kruchev: “Não vimos Deus lá em cima”.

Se você pudesse responder à provocação de Kruchev, o que você diria? a) “Não se preocupe, você vai encontrar com ele um dia”; b) “Também nunca vimos o comunismo funcionar aqui em baixo”; c) “Sim, porque ele se fez homem e desceu à terra, você está quase 2 mil anos atrasado”.

Como já vimos, a oração do Senhor nos convida a falar com intimidade com nosso “Pai”. Contudo, não nos deixa esquecer de que esse Pai “está nos céus”. Mas essa afirmação não pode significar que ele habita *um lugar* acima de nossas cabeças, entre as nuvens ou entre as estrelas – como entendeu o secretário do Partido Comunista. Afinal, Jesus ensinou que *Deus é espírito* (Jo 4.24). Além do mais, a Bíblia revela que os próprios céus foram criados por ele, então logicamente não podem contê-lo (Gn 1.1; 2Cr 6.18).

Qual o significado, então, de dizer que Deus está nos céus?

Primeiramente, a expressão nos fala sobre a grandiosidade de Deus como o infinito e o eterno Criador, que “habita em luz inacessível”, muito além do alcance da percepção de qualquer pecador (Êx 33.20; Jz 13.22; Is 6.5; 1Tm 6.16). A distância entre os céus e a terra aponta a distância entre o Criador e as criaturas, especialmente em termos de sua santidade absoluta e de nossa pecaminosidade.

Contudo, ele quis nos fazer seus filhos! Ele é “o Alto, o Sublime, aquele que habita a eternidade”, mas habita também com o contrito e abatido de espírito (Is 57.15). Ele, por assim dizer, desce dos altos céus para estar com os homens em sua humilhação. Aliás, não foi literalmente o que o Filho de Deus fez por nós (Fp 2.5-8)?

Refletir acerca dessas verdades logo no início da oração nos ajuda a manter a atitude correta perante aquele a quem elevamos nossa súplica. Devemos nos aproximar do trono celestial em espírito de profunda adoração pela sua grandeza, humilhação pela nossa pequenez e arrependimento pelos nossos pecados. Quem ora ao Pai celestial, não ora como o fariseu, mas como o publicano da parábola contada por Jesus (Lc 18.10-14).

O publicano da parábola não ousava nem levantar os olhos ao céu enquanto orava. Por que ele agia assim? Você acha que foi um exagero? Devemos imitá-lo? De que forma?

Em segundo lugar, a confissão de que oramos àquele que está no céu nos ensina que nosso Pai é livre de todas as limitações, deficiências e defeitos que são encontrados nos pais terrenos; e que sua paternidade é absolutamente ideal, perfeita e gloriosa.

Esteja certo de que não há um pai melhor, nem um pai mais profundamente comprometido com o bem-estar dos seus filhos, ou mais sábio e poderoso para promover esse bem-estar, do que o Deus a quem o Senhor Jesus nos incita a orar. Ele é o Pai que nos ama e já sabe o de que necessitamos antes mesmo de pedirmos (Mt 6.8; Jo 16.27). Ele é o Pai para quem não há impossíveis, e que é capaz de fazer com que todas as coisas concorram para o bem de seus filhos (Lc 18.27; Rm 8.28,29). Comparados ao Pai celestial, todos os pais terrenos são maus (Mt 7.11; Tg 1.17).

O fato de que oramos ao “nosso Pai” precisa ser balanceado pelo fato de que ele “está nos céus”. Intimidade e reverência, amor e santidade – essas verdades andam juntas e são inseparáveis na oração de Jesus. Assim ele nos ensinou a orar também.

### **Aplicação**

Suas orações tendem mais à intimidade ou à reverência? Quando você ora, a ênfase recai em “nosso Pai” ou em “que estás nos céus”? O que você pode fazer para equilibrar melhor sua visão do Deus a quem oramos?

Pr. Alceu Lourenço